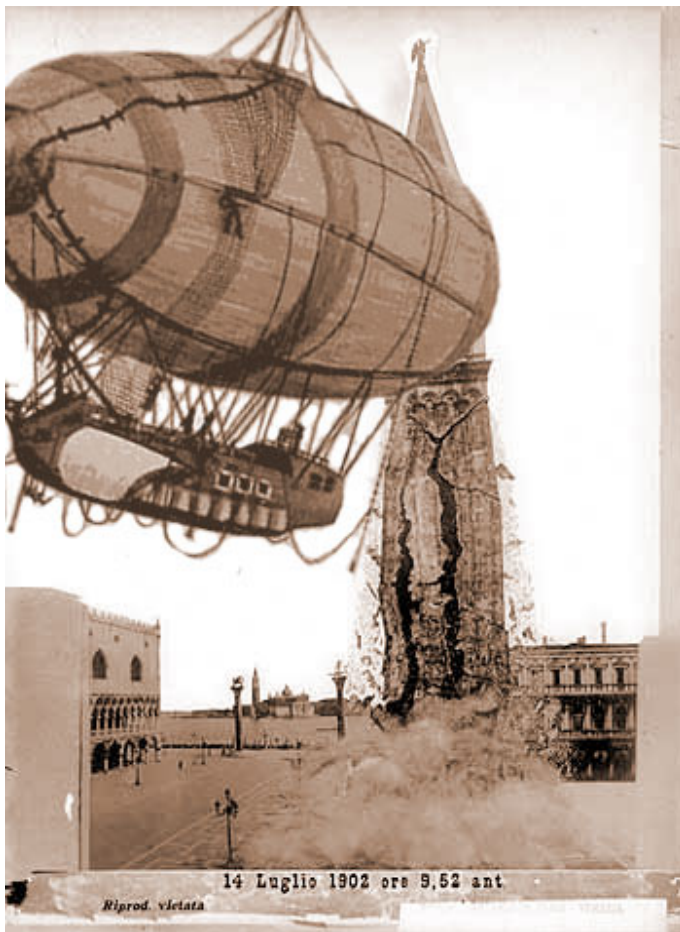


# Thomas Pynchon: a paranóia e o Underground - por Luiz Felipe Amaral



Fonte:

[http://against-the-day.pynchonwiki.com/wiki/index.php?title=Main\\_Page](http://against-the-day.pynchonwiki.com/wiki/index.php?title=Main_Page)

Thomas Pynchon é um escritor misterioso. Recluso como J.D. Salinger, pouco se sabe sobre ele. Ao que consta, suas últimas aparições públicas ocorreram em episódios de *Os Simpsons*, em que o autor, ou melhor, seu respectivo personagem animado, aparece com a cabeça coberta por um saco de papel pardo, obviamente para lhe proteger a imagem. São numerosas (e divertidas) as teorias e os rumores sobre a sua real identidade: há quem diga que Pynchon é Jim Morrison, vocalista (supostamente) morto do *The Doors*, ou que é Bob Dylan ou ainda o famigerado *Unabomber*... Tudo que é pynchoniano está cercado de mistério.

Mas existem certezas sobre ele, ou ao menos algumas informações oficiais.

Thomas Ruggles Pynchon Jr. é americano de Glenn Cove, NY. Nasceu em maio de 1937 e estudou na Universidade de Cornell, tendo interrompido temporariamente seus estudos para servir na marinha. Depois de Cornell, trabalhou em Seattle, na Boeing. O núcleo de sua obra é composto por seis romances, *V.* (1963), *O Leilão do Lote 49* (1966), *O Arco-Íris da Gravidade* (1973), *Vineland* (1990), *Mason & Dixon* (1997) e *Against the Day* (2006), além de um livro de contos, *Slow Learner* (1984)<sup>[1]</sup>.

De forma geral, o premiado Pynchon é tido como um dos maiores escritores da segunda metade do século XX e como um expoente do pós-modernismo literário (o que quer que isso seja).

A ficção pynchoniana abarca uma infinidade de temas e o faz em uma variedade de estilos: ciência, ideologia, percepção, paranóia, racismo, música e matemática são tratados ao mesmo tempo e por perspectivas diferentes, às vezes pela dos romances *beat*, às vezes pela dos de espionagem e às vezes pela dos históricos, mas sempre pela dos históricos. E histeria é nele uma palavra chave. Os romances gigantescos, não lineares, saturados de personagens e de digressões levaram o crítico James Wood a enquadrar a obra de Pynchon em algo que chamou de “realismo histórico”: um subgênero do pós-modernismo que, no limite da simplificação, significa tramas e escritas complicadas.

Contudo, no meio do caos desse universo, há uma série de características que se destacam em sua prosa. Por mais que os temas sejam muitos, eles são recorrentes. E um dos grandes destaques dessa obra é a idéia de que há sempre algo agindo de forma secreta, de que existem agentes no subterrâneo determinando a parte observável da realidade. Coincidência ou não (e nesse texto tenta-se argumentar que não), a obsessão de Thomas Pynchon pelo que existe no subterrâneo não é nada surpreendente quando se considera sua outra obsessão: a reclusão.

\* \* \*

O subterrâneo de fato aparece freqüentemente em Pynchon. Tanto como lugar físico quanto como lugar metafórico. Já no seu primeiro romance, *V.*, vemos o protagonista Benny Profane subir e descer as linhas de metrô nova-iorquino como um ioiô humano, ou então caçar crocodilos nos esgotos da cidade. *Against the Day*, o romance mais recente, tem cenas em minas, em túneis em construção e, inclusive, uma viagem pelo “centro da Terra” nessa estranha ligação subterrânea entre os dois pólos do planeta que o dirigível *Inconvenience* é forçado a atravessar.

Mas não é o *underground* físico que nos interessa. Em uma obra de poucos livros, mas ainda assim gigantesca em tamanho, esses trechos que ocorrem debaixo da terra são interessantes apenas como manifestação simbólica, por assim dizer, de um tema. Interessantemente, tal tema, no meio de todas as confusões pynchonianas (e são muitas), está sempre presente, de uma forma ou de outra. Em certas vezes ele fica mais claro; em outras, encoberto pelos trocadilhos, sátiras, piadas e perversões tão típicas do autor.

A idéia de que o destino do mundo ou de nossas vidas individuais é determinado por personagens que vivem nas sombras é comum aos romances de Pynchon. Em *V.*, seguimos Sidney Stencil, filho de um espião inglês, enquanto segue a obsessão sua e de seu falecido pai pela personagem que dá título à obra. Por mais que a trama dê boas informações sobre a identidade de *V.*, ela nunca é revelada com certeza.

Em *O Leilão do Lote 49*, Oedipa Maas (Édipa, em português) começa a trabalhar no inventário de seu falecido ex-namorado, Pierce Inverarity, apenas para se descobrir na conspiração que envolve um sistema de correio paralelo ao oficial (e obviamente secreto), que está em operação desde o final da idade média e que deixa (propositalmente ou não) pistas de sua existência em peças de teatro e em selos postais. Para uma dona de casa californiana sob cuidados psiquiátricos (os do Dr. Hilarius), isso é demais. Em outra trama californiana, a de *Vineland*, Zoyd Wheeler, um hippie que precisa agir

como louco uma vez por ano para garantir seu pagamento por invalidez mental do governo, vê-se procurado pelo temível agente federal Brock Vond, que começa um cerco secreto contra Zoyd.

*Against the Day*, passado nas décadas que antecedem a Primeira Guerra Mundial, lida, em um nível, com as maquinações de milionários e filantropos; em outro, com os planos revolucionários de socialistas e anarquistas; e, por último, com as batalhas secretas que as grandes potências mundiais travam na véspera do conflito. Em meio a isso, surgem questões sobre a natureza do tempo e do processo histórico, da ciência e da matemática. Em outro romance histórico, *Mason & Dixon*, dois astrônomos do século XVII vêem-se à mercê das ordens esotéricas da *British Royal Society*. Nesse mundo setecentista, enquanto Mason e Dixon viajam para a América pré-revolucionária, algo como uma conspiração sino-jesuíta transmite-se pelas páginas do romance.

É óbvio que as tramas, da forma como acabam de ser retratadas, não passam de simplificações. E o são em um sentido muito específico: enquanto não são um retrato abrangente das histórias de Pynchon (e devemos nos perguntar, tendo em vista a complexidade, se é possível fazer um retrato abrangente de cada um desses romances), as perspectivas acima trazem, sem erro, elementos constituintes e relevantes delas, por mais que estejam longe de as esgotar. Essa observação se faz ainda mais necessária quando se pensa no que é tida como a maior obra de Thomas Pynchon: *O Arco-Íris da Gravidade*.

\* \* \*

*O Arco-Íris da Gravidade* é um romance gigantesco em vários sentidos: no tamanho, nos temas, nos estilos e na linguagem. O mais próximo que tem de um protagonista é o tenente do exército americano Tyrone Slothrop. Por uma série de motivos, nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial Slothrop perambula pela Europa, esbarrando em americanos, russos e nazistas. O clima de paranóia é generalizado, tanto em Slothrop, que foi vítima de experimentos científicos quando criança, como nos agentes da White Visitation, um ramo do serviço secreto britânico responsável pela guerra psicológica (e pela parapsicológica também), e como também no *schwarzkommando*, uma divisão misteriosa do exército alemão.

Entretanto, é necessário ter em mente que o subterrâneo não está apenas nas agências de espionagem e nos conspiradores. Interessantemente, as personagens de Pynchon estão com muita frequência ligadas ao *underground*. Não importa a época das histórias; há sempre um grupo de pessoas abertas a novas verdades ou novos modos de viver. É notável, por exemplo, a presença em *V.* da Whole Sick Crew, um grupo de artistas de vanguarda, interessados na cultura do jazz na Nova York dos anos 50. Em *O Leilão do Lote 49*, temos *The Paranoids*, uma banda de rock que, no auge da “invasão britânica” dos *Beatles*, insiste em cantar com um falso sotaque inglês; e, em *Vineland*, os punks de *Billy Barf and the Vomitones*. Exemplos à parte, para Pynchon, a presença da contracultura ou do apelo beat da segunda metade do século XX é contrapartida para a presença de aventureiros e revolucionários no século XIX. Os grupos mudam, mas o significado fica.

Contudo, o interessante não é apenas a presença desses grupos, mas a relação que eles têm com outro tipo de personagem que está na essência de Pynchon: a figura do *loser*. Benny Profane, Tyrone Slothrop, Zoyd Wheeler e, em menor grau, Oedipa Maas têm todas algumas características comuns. São personagens deslocados, com dificuldade de se encaixar em grupos, ou na sociedade em si. É como se tudo que fizessem desse errado. Em resumo, são personagens inseguros ou de

personalidade fraca, a quem não resta muita coisa senão vagar pelo mundo, mais ou menos movidos por inércia.

Por fim, existem todos os outros personagens pynchonianos. Cientistas, marinheiros, médicos, ninfomaníacas, cães que falam, lâmpadas elétricas. Se de perto ninguém é normal, os personagens de Pynchon não o são nem de longe. E é esse o grande motivo da opção por nomes estranhos (Dr. Genghis Cohen, Fergus Mixolydian, Professor Vanderjuice, Ernest Pudding): mostrar o seu descolamento com relação à realidade.

E a realidade pynchoniana pode ser desesperadora. Pynchon é um escritor da modernidade, isso fica claro pela sua escolha de tempos e de temas. A América pré-revolucionária de *Mason & Dixon*, a *belle époque* de *Against the Day* e o cume da Segunda Guerra Mundial de *O Arco-Íris da Gravidade* têm em comum o fato de serem momentos determinantes da modernidade. Por outro lado, a presença da ciência, da matemática, das ideologias, da tecnologia, da cultura *pop* também é marca, e até caricatura, da modernidade.

\* \* \*

Mas o aspecto central da modernidade que Pynchon retrata com maestria é outro e essencial: a complexidade. As tramas convolutas, gigantes, os inúmeros personagens, e a linguagem não constante que varia entre capítulos, todas são características de um mesmo fenômeno moderno que o autor deseja expressar: a quantidade estupefaciente de informação. Nesse sentido, os romances chegam a ser caóticos e o ficam ainda mais quando percebemos que possivelmente podem existir relações entre eles. Há instituições e personagens que cruzam romances; o universo pynchoniano é um só.

Nesse contexto, é imediato se perguntar como agem ou reagem as personagens deslocadas e inseguras de Pynchon, principalmente quando se chocam (e “chocam” é uma palavra interessante, pois designa o encontro de partículas que se movem por inércia) com seus colegas do *underground* e com um cenário incerto, em que podem todos ser vítimas de conspirações.

O resultado não é bom. Não é bom e é composto, grosso modo, por desorientação, desespero e paranóia. A desorientação é perceptível pelo comportamento inercial das personagens. Oedipa Maas, por exemplo, passa um dia fazendo trabalho de detetive em São Francisco para acabar se encontrando, sem querer, no exato local onde havia começado e sem ter conseguido obter uma única grande conclusão. A questão é: será a desorientação fruto de um universo entrópico apenas ou de tal universo combinado com certos tipos de pessoas?

Há também o desespero. Pois se a paranóia é uma opção irrealista diante do caos, como explicar as evidências encontradas, os fatos que a investigação trouxe à tona? Nesse momento, tem-se o oposto de visão autocentrada que será, como veremos, a do paranóico: passa-se a duvidar da própria percepção. Principalmente quando se descobre que o Dr. Hilarius trocou os antidepressivos por alucinógenos (*O Leilão do Lote 49*) ou quando a obsessão sua e de seu pai é desmontada, literalmente, pedaço por pedaço (V.).

Por fim, há a paranóia. Diante de uma realidade inabarcável, uma tendência dessas personagens é organizar todas as informações disponíveis, conflitantes ou concordantes, em uma trama tão complexa quanto autocentrada. Pois o interessante do paranóico não é a simples crença na

conspiração, mas a crença de que ele possui um papel principal nela, de que é ele sozinho que a deve expor, ou de que ele sozinho é seu alvo. Há um momento, em *O Leilão do Lote 49*, em que Oedipa Maas, lembrando da riqueza de seu antigo amante, considera que todo o percurso e tudo o que encontrou foi orquestrado por Pierce Inverarity, sendo ela a vítima de uma grande *practical joke*. O caso é ainda mais grave com Tyrone Slothrop, em *O Arco-Íris da Gravidade*, que se vê como uma peça central da Segunda Grande Guerra. Mas a pergunta fica: é plausível que a paranóia seja apenas um tipo de *wishful thinking*, algo como uma providência menor para aqueles que não crêem na Providência maior?

Neste momento, uma breve digressão talvez nos ajude. A natureza histórica de uma parte relevante da obra pynchoniana não serve apenas para dar contexto às tramas. Como se viu acima, o tempo é um elemento essencial da mensagem que Pynchon quer passar. Isso é patente em todo *Mason & Dixon*, mas especialmente em um episódio no qual se discute a adoção do calendário gregoriano e os onze dias que “sumiram” (na adoção, passou-se do dia 2 para o dia 13 de setembro). Além disso, em *Against the Day* o tempo é focado tanto do ponto de vista das teorias científicas quanto da relação que as pessoas têm com ele. Isso fica claro em um trecho muito ilustrativo do papel do subterrâneo em Pynchon e, logo, do espírito do presente artigo:

“No Simplon, a partir de 1898, um enorme túnel esteve em construção a fim de ligar as linhas de trem entre Brigue, na Suíça, e Domodossola na Itália, substituindo uma viagem de nove horas por diligências puxadas a cavalo. [...]

“Entre as muitas superstições dentro da montanha, estava a crença de que o túnel era ‘terreno neutro’, isento não apenas de jurisdições políticas, mas do próprio Tempo. Os Anarquistas e Socialistas de turno tinham sentimentos mistos acerca da lenda; sofriam com ela, mas ela também se fazia a sua libertadora, se ao menos conseguissem sobreviver para voltar a ver o dia” <sup>[2]</sup>.

As questões do tempo (o passar dos dias), do Tempo (o processo histórico) e da paranóia se misturam. O típico *loser* pynchoniano, aliás, se vê como uma vítima da história. A distinção recém feita é fundamental e o é porque na verdade não se sabe o quanto das teorias conspiratórias é fato ou não. Afinal, por mais inverossímil que possa parecer, não é impossível que Pierce Inverarity tenha pregado uma peça em Oedipa Maas. A ambigüidade entre o que a realidade é de fato e o que é uma projeção da paranóia é, em Pynchon, mais desorientadora que toda a entropia e todo o caos dos seus romances.

\* \* \*

Eis, portanto, uma forma de entender a literatura de Thomas Pynchon. A sua obra nasce do conflito entre o mundo real e o subterrâneo e joga nesse conflito um tipo muito específico de personagem. Ao mesmo tempo, visto que é uma literatura sobre a modernidade, tais personagens são imersos em quantidades gigantescas de informação. Nesse processo as personagens tendem ao desespero ou à paranóia. É essa a mensagem de Pynchon. Muito simples para aquele que é tido como um dos escritores mais complexos do nosso tempo, não? Em *V*, há algo que descreve esse sentimento:

“Mas era uma teoria certinha, e ele estava apaixonado por ela. E o único consolo que tirava do caos presente era que a sua teoria conseguia explicá-lo” <sup>[3]</sup>.

Mas a descrição acima tem como objeto justamente os sentimentos de um desses personagens de

Pynchon, deslocados e paranóicos. É perfeitamente possível que todo o esforço de análise das linhas acima não passe de uma “teoria certinha”. Principalmente se lembrarmos que tudo o que é pynchoniano é cercado de mistério. No limite, a interpretação que se faz nesse texto tem a mesma probabilidade de estar certa que de estar errada, de ser adequada ou não. Mas será essa a questão interessante?

\* \* \*

Talvez seja mais interessante comparar aquilo a que Pynchon submete os seus personagens com aquilo a que submete os seus leitores. Não é só Oedipa Maas, Benny Profane ou Tyrone Slothrop que se vêem cercados de entropia e “incumbidos” de organizá-la. Ao escrever romances gigantescos, com digressões exaustivas e múltiplos personagens, Pynchon obriga o leitor a lidar com uma quantidade de informação não muito diferente daquela que joga em cima de seus protagonistas.

Além disso, a obsessão que o autor tem pela reclusão o transforma na figura do conspirador. Pynchon escreve do subterrâneo. Dali envia mensagens enormes e complexas. Não se sabe se há algo coeso a interpretar na sua obra ou se ele simplesmente está “pregando uma peça” nos leitores. Há, nesse sentido, um delicioso paralelo entre o autor e seus leitores, de um lado, e a realidade e as personagens, de outro.

Não é de se espantar, portanto, que as reações à obra de Pynchon sejam tão parecidas com as de seus personagens. Muitos ficam no desespero, taxando os romances de ilegíveis. Foi essa, aliás, a opinião do conselho do Prêmio Pulitzer acerca de *O Arco-Íris da Gravidade*, por mais que o romance tenha sido indicado unanimemente (não houve prêmio de ficção em 1974). Outros pendem para o lado da paranóia, e da mesma forma há toda uma série de teorias díspares sobre o autor. Há quem afirme que ele é anarquista, há quem afirme que é conservador, há quem afirme que defende o ludismo.

Restam os romances e os contos. Thomas Pynchon sem mistérios (sem desespero e sem paranóia) é um ótimo escritor, cria enredos divertidos, tramas envolventes e sátiras contagiantes. É um mestre em retratar as situações mais improváveis e os diálogos mais estranhos. Sabe tanto contar piadas como descrever aquele tipo de amor bobo tão próprio dos adolescentes (mas não apenas deles). E sabe descrever como ninguém.

O bom do mistério é que ele abre espaço para surpresas. Ainda em 2009, apenas dois anos depois de lançar um livro com mais de mil páginas, Pynchon publicou *Inherent Vice*, um romance “meio noir, meio viagem psicodélica” com o detetive *hippie* Doc Sportello. Estranhamente, *Inherent Vice* é o romance de leitura mais fácil que Pynchon já escreveu. Mas se engana quem pensa que o mistério acabou: também em 2009, depois de *Modern Times*, Bob Dylan lança não um, mas dois álbuns novos. Enfim, talvez os dois sejam de fato a mesma pessoa...

**Luiz Felipe Amaral** é mestre em economia pela FEA-USP e membro do IFE.

---

**NOTAS:**

<sup>[1]</sup> No Brasil, a Editora Paz e Terra publicou *V.* (1988), já a Editora Companhia das Letras publicou *Vineland* (1991), *O Leilão do Lote 49* (1993), *O Arco-Íris da Gravidade* (1998) e *Mason & Dixon* (2004). Todos se encontram esgotados, exceto os dois mais recentes.

<sup>[2]</sup> *“At the Simplon a massive tunnel project had been under way since 1898 to connect train lines between Brigue in Switzerland and Domodossola in Italy, replacing a nine-hour trip by horse-drawn dilligence. [...]*

*“Among the many superstitions inside this mountain was the belief that the tunnel was ‘neutral ground’ exempt not only from political jurisdictions but from Time itself. The Anarchists and Socialists on the shift had their own mixed feelings about the history. They suffered from it, and was also to be their liberator, if they could somehow survive to see the day” (Against The Day, Penguin Press, Nova York, 2006, pp. 652-654).*

<sup>[3]</sup> *“But it was a neat theory, and he was in love with it. The only consolation he drew from the present chaos was that his theory managed to explain it” (V., Harper Perennial Modern Classics, Nova York, 2005, p. 199).*

Artigo publicado originalmente na revista-livro do Instituto de Formação e Educação (IFE), [Dicta&Contradicta](#), edição 4, dezembro/2009.

---

## Uma Manhã Inexistente



Naquela quinta-feira, no começo da manhã, dirigi-me ao salão nobre da faculdade do Largo de São Francisco, uma hora antes da apresentação que um amigo, formado comigo e conhecido filósofo do direito da casa, faria numa mesa de debates sobre as relações entre a cultura e o direito.

Resolvi, então, passar numa famosa livraria situada ali perto, a fim de buscar um livro encomendado. Tive uma enorme surpresa, porque, no intervalo de alguns anos, aquele pequeno recinto de preciosidades jurídicas havia passado por uma revolução reclassificatória. Os livros de direito estavam agora acompanhados por outras seções, desde as mais tradicionais, como literatura, arte, filosofia, até as mais pitorescas, representadas por vastas estantes de obras pós-modernas de teoria cultural, classe e gênero, raça e cultura.

Entretanto, chamou-me mais atenção uma seção intitulada “homem e sexualidade”, que me trouxe alguma esperança, mas não tinha nada a ver com antropologia filosófica e sim com puro experimentalismo estruturalista, a julgar pelos títulos das obras ali expostas: os principais livros de Deleuze, Foucault, Barthes e outros bem menos conhecidos, mas, nem por isso, menos chocantes, como “A Revolução Feminista do Eu”, “O Bicha Material”, “O Transfeminismo Pós-Moderno” e “O Ídolo Lésbico”. Como nada daquilo me abriu o apetite intelectual, fui embora sem comprar nada,

algo que raramente se dá comigo em livrarias, e, em estado de choque intelectual, acabei esquecendo até de solicitar ao atendente o livro encomendado.

Resolvi retornar à faculdade para ouvir meu amigo, cuja brilhante inteligência era capaz de devorar todas as obras platônicas e aristotélicas em algumas semanas, mas que, com o tempo, resolveu se esquecer da sabedoria dali haurida e dar corpo teórico para as teorias pós-modernas do direito. Em suma, ele tinha uma parcela de responsabilidade sobre o atual estado da cultura e, daqui a alguns anos, terá sobre aquilo que entenderemos sobre o direito. Afinal, como dizia minha avó, as ideias têm consequências...

Sua apresentação começou como já previa: um discurso demolindo o existente e substituindo-o por uma irrealdade verbosa e oca. Segundo Foucault, o homem não existe mas, pelo menos, essa "inexistência" está aí, povoando nossa realidade com seu "versátil vazio". Barthes só conferia substância real ao estilo, inflexão que cada vida é capaz de imprimir no rio de palavras em que o ser aparece e desaparece. Para Derrida, somente os textos ou discursos têm vida, porque eles pertencem a um universo de formas autossuficientes que se remetem e modificam mutuamente, sem qualquer necessidade de interação com experiência humana.

Meu amigo deu o passo adiante que faltava. Para ele, a realidade já não mais existe. Em seu lugar, entrou a realidade virtual, criada pelos discursos públicos que, a partir dos fatos, interpreta-os e os rotula sob o nome de "informação". As ocorrências do mundo real não são objetivas e nascem minadas em sua verdade e consistência ontológica, de maneira que não podemos mais ter qualquer perspectiva crítica sobre o mundo que nos rodeia. A única "realidade" de nossa era é a dos simulacros e o melhor exemplo disso é a "verdade" da ficção midiática dos grandes telejornais e periódicos.

Sem dúvida, vivemos numa época de grandes representações que dificultam nossa compreensão do mundo real. Os políticos pegos em flagrante costumam ser bem férteis e imaginativos na escolha do rol de desculpas de plantão. É um bom exemplo. Contudo, não parece evidente que, para muito além desses políticos, alguns pensadores, que pretendem incrustar na vida o jogo especulativo e os sonhos da ficção, contribuem determinadamente para turvar nosso entendimento sobre o mundo?

Ao final da apresentação e, talvez, involuntariamente, meu amigo afirmou que "o escândalo, hoje, não está em atentar contra os valores morais e sim contra o princípio da realidade". Tomei isso como uma autocrítica de quem, há algum tempo, vem empenhando toda sua astúcia dialética e uma inteligência privilegiada contra o homem, como se ele não pudesse mais discernir entre a verdade e a mentira, a história e a ficção, a ponto dele ter se transformado, nesse labirinto midiático, numa espécie de fantasma autômato, privado de conhecimento e de liberdade e condenado à extinção sem sequer ter vivido.

Antes do final, deixei, movido por outros compromissos, o recinto da apresentação. Gostaria muito de tê-lo cumprimentado. Ao menos em razão da amizade que nos une, mas, sobretudo, para lembrar-lhe os tempos idos de nossa juventude acadêmica, quando a realidade nos exaltava e ele ainda acreditava que nós existíamos até nos excessos mundanos: quando bebíamos para além da conta ou passávamos uma parte da noite na delegacia por causa de um "pindura" mal sucedido. Permaneci caminhando tão absorto nesses pensamentos que nem passei na livraria para buscar o livro esquecido, porque me consolei com a ideia de que, talvez, ele já não mais existisse para mim, mas



para outro dono que o tivesse arrematado depois de meu lapso matinal.

André Fernandes - IFE Campinas

---

**Tags:** Ficção, Paranoia, Thomas Pynchon, Underground,

**Fonte:** IFE Campinas. Disponível em:  
<http://ife.org.br/thomas-pynchon-a-paranoia-e-o-underground-por-luiz-felipe-amaral/>